

**LUTA CORPORAL INDÍGENA: CONTRIBUIÇÕES À BASE NACIONAL
COMUM CURRICULAR (BNCC)**

**INDIGENOUS WRESTLING: CONTRIBUTIONS TO THE COMMON
NATIONAL CURRICULUM BASE (BNCC)**

Leandro Paiva

Doutorando em Antropologia Social pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Mestre em Antropologia Social pela UFAM. Pós-Graduado (Lato sensu) em Museografia e Patrimônio Cultural (Claretiano). Pós-Graduado (Lato sensu) em Arqueologia (Claretiano). Graduado em Educação Física (Claretiano). Graduado em História pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. E-mail: professorleandropaiva@gmail.com

Fátima M. Flôres de Vargas

Discente de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social- PPGAS, da Universidade Federal do Amazonas - UFAM. E-mail: fati.jornalista@gmail.com

Michel Justamand

Doutor em Ciências Sociais/Antropologia pela PUC/SP, Professor Associado I da Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP. Docente do Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura da Universidade Federal do Amazonas – UFAM. E-mail: micheljustamand@yahoo.com.br

Canmilla Mousse

Graduada em Comunicação Social (Uninorte), em Artes Visuais (Claretiano) e Pós-Graduada (Lato sensu) em História da Arte (Claretiano). E-mail: canmilla.mousse@gmail.com

Leonardo Paiva

Graduado em Enfermagem (Uninorte), Pós-Graduado (Lato sensu) em Enfermagem em Saúde Indígena (CGESP). Possui experiência de quase uma década de atuação em Saúde Indígena (Alto Solimões). E-mail: leonardopaiva_rj@hotmail.com

RESUMO

A Luta Corporal Indígena praticada na região do Alto Xingu – Brasil Central costuma ser evidenciada pela mídia em geral. Todavia, ainda é depreendida superficialmente, seja pelo senso comum ou pela escrita dita científica em algumas áreas do conhecimento. Não obstante, a Lei nº 11.645/2008 ressalta a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena” no currículo oficial das escolas públicas. Nessa seara, o Ministério da Educação (MEC) homologou em 2017 sua Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e apresentou informes considerando essa lei. Dentre eles, constam as lutas corporais indígenas como conteúdo da Educação Básica. Nessa direção, este trabalho evidenciará informações basilares sobre essas práticas de modo a contribuir para o estabelecimento e sustentáculo de aulas considerando as lutas corporais indígenas na BNCC.

Palavras chave: Luta Corporal Indígena, Huka-Huka, Base Nacional Comum Curricular, BNCC.

ABSTRACT

The Indigenous Wrestling practiced in the Alto Xingu region – Central Brazil, became a matter highlighted by the media in general. However, it is still guided by superficiality and/or lack of depth, either by common sense or by the so-called scientific writing in some areas of knowledge. Nevertheless, Law N.º 11.645/2008 emphasizes the obligation of the theme “Afro-Brazilian and Indigenous History and Culture” in the official curriculum of public schools. In this area, the Ministry of Education (MEC) ratified in 2017 its Common National Curriculum Base (BNCC) and presented reports considering this law. Among them, there are indigenous wrestling as a content of Basic Education. In this direction, this work will show basic information about these practices, in order to contribute to the establishment and support of classes considering indigenous wrestling in the BNCC.

Keywords: Indigenous Wrestling, Huka-Huka, Common National Curriculum Base, BNCC.

INTRODUÇÃO

A luta corporal indígena praticada no Alto Xingu – Brasil Central, costuma ser evidenciada na literatura e pela mídia em geral. Todavia, quase sempre depreendida superficialmente pelo senso comum ou na escrita dita científica em algumas áreas do conhecimento. Sobretudo na Educação Física e segmentos afins. Ademais, largas tintas foram conferidas (quase) sempre ressaltando o exotismo. À exceção, principalmente, da literatura antropológica, pouca luz, de fato, aplicou-se para melhor compreensão dessas atividades.

Essa crítica pode ser complementada ao notar que, baseando-se, dentre outras, pela Lei nº 11.645/2008 (obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena” no currículo oficial das escolas públicas), o MEC homologou em 2017 sua Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2017). Na BNCC, observa-se a divisão das práticas corporais em seis unidades temáticas. Dentre elas, consta na unidade temática “Lutas”, que “...podem ser tratadas por lutas brasileiras (capoeira, **huka-huka...**)” (Grifo nosso) (Brasil, 2017, p. 216). Ressalta-se, “Huka-Huka” é a denominação não indígena para luta corporal ritualizada e praticada pela maioria dos povos no Alto Xingu.

Assim, tendo em conta especificamente essa prática, neste trabalho pretende-se apresentar aportes basilares, contributos para sustentação ao conteúdo sugerido pela BNCC nas aulas de Educação Básica. Assenta-se como pequeno recorte de uma Pesquisa de Campo na área de Antropologia. Esta, foi realizada em 2018 no Alto Xingu e defendida em 2021 no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (Paiva, 2021). O estudo se configura como etnográfico, portanto qualitativo. Ademais, utilizou-se técnicas de revisão bibliográfica tendo em foco a literatura antropológica sobre o tema.

1. AS LUTAS CORPORAIS NA BNCC

Na BNCC, as lutas corporais foram circunscritas ao componente curricular de Educação Física. Com aporte total de 27 páginas, já nos primeiros parágrafos é destacada a singularidade desse componente, para além de aspectos puramente biodinâmicos das práticas corporais. Salienta que devem ser tematizadas práticas corporais

em suas diversas formas de **codificação e significação social**, entendidas como manifestações das possibilidades expressivas dos sujeitos, produzidas por diversos grupos sociais no decorrer da **história**. Nessa concepção, o movimento humano está sempre inserido no **âmbito da cultura** e não se limita a um deslocamento espaço-temporal de um segmento corporal ou de um corpo todo. (...). Nas aulas, as práticas corporais devem ser abordadas como **fenômeno cultural dinâmico**, diversificado, pluridimensional, singular e contraditório. (Grifos nossos) (Brasil, 2017, p. 211)

Não obstante, apesar de alumiar que, as práticas serão observadas mediante aspectos culturais e históricos, não apresenta referencial bibliográfico sobre essas indicações e/ou apresenta ficha descritiva de cada uma delas. Desse modo, a BNCC sugere; contudo, sem esclarecer como e onde obter tais informações. Críticas ainda mais contundentes foram realizadas por Neira (2018). Para ele, dentre outras incoerências, a que determina “qual aspecto da prática corporal deverá ser ensinado e em que momento.

(...) a BNCC pretende invadir as salas de aula (...), mesmo sem conhecer as crianças, jovens e adultos que lá estão, como vivem, o que pensam, sabem e fazem” (Neira, 2018, p. 217). Ademais, especificamente quanto às lutas, assevera que, “não foram estipuladas habilidades de reflexão sobre a ação, construção de valores, compreensão e protagonismo comunitário” (NEIRA, 2018, p. 221).

Sem embargo, mesmo tendo em consideração os problemas citados, optou-se neste artigo alocar compilação dos descritores da unidade temática “Lutas” na BNCC (veja o Quadro 1). Se, por um lado, pode-se observar o ímpeto esperado pelas indicações/sugestões (e habilidades); por outro, concomitantemente, incoerências e lacunas. Apenas para citar um exemplo, conforme observado por Neira (2018, p. 218), a não distinção pormenorizada – e conseqüente compreensão – entre cultura e cultura corporal “impacta diretamente no fazer dos professores e silenciar sobre o assunto provavelmente acarretará distorções na implementação do currículo”. Nessa direção, embora aqui não se tenha intuito de aprofundar tais questões críticas, tampouco pode-se negligenciá-las.

Salta aos olhos as competências específicas de Educação Física para o Ensino Fundamental sob viés cultural (veja Quadro 1). Pois, se consideradas seriamente, ao menos no caso da Huka-Huka, a literatura antropológica sobre o Alto Xingu precisaria ser, no mínimo, depurada para ajustar-se às necessidades específicas da Educação Física. Informações existem nessa área, mas problematizadas sob outras lentes. Além disso, incide incoerência na distinção do foco na unidade temática “Lutas”, em que se lê: “...além das lutas presentes no **contexto comunitário e regional**, podem ser tratadas lutas **brasileiras** (capoeira, **huka-huka**...)” (Brasil, 2017, p. 216). (Grifos nossos) Primeiro, distingue a huka-huka de seu contexto comunitário e regional, que lhe é intrínseco. Segundo, coloca no mesmo balaio de lutas “brasileiras”, mesmo sendo oriunda de povos que, inclusive, rechaçaram tentativas de considerá-la Patrimônio Cultural do Brasil (veja Paiva, Vargas & Souza, 2020; Paiva *et al.*, 2020). Terceiro, se optarmos por aceitá-las dessa forma, isto é, como lutas “brasileiras” (no caso do Ensino Fundamental, anos iniciais: 3.º ao 5.º ano), por qual motivo o objeto de conhecimento é denominado “Lutas do Brasil”, nos descritores do Ensino Fundamental, anos finais (6.º e 7.º anos)? Qual(is) critério(s) foram adotado(s) distinguindo esses, daqueles? Na BNCC não constam minúcias explicando e/ou exemplificando essas questões.

Quadro 1 – Cultura nas competências específicas de Educação Física para o Ensino Fundamental e a unidade temática “Lutas” na BNCC.

<p>Competências específicas de Educação Física para o Ensino Fundamental</p> <ul style="list-style-type: none">✓ Compreender a origem da cultura corporal de movimento e seus vínculos com a organização da vida coletiva e individual;✓ Planejar e empregar estratégias para resolver desafios e aumentar as possibilidades de aprendizagem das práticas corporais, além de se envolver no processo de ampliação do acervo cultural nesse campo;✓ Interpretar e recriar os valores, os sentidos e os significados atribuídos às diferentes práticas corporais, bem como aos sujeitos que delas participam;✓ Reconhecer as práticas corporais como elementos constitutivos da identidade cultural dos povos e grupos.
<p>Foco</p> <p>A unidade temática Lutas focaliza as disputas corporais, nas quais os participantes empregam técnicas, táticas e estratégias específicas para imobilizar, desequilibrar, atingir ou excluir o oponente de um determinado</p>

espaço, combinando ações de ataque e defesa dirigidas ao corpo do adversário. Dessa forma, além das lutas presentes no contexto comunitário e regional, podem ser tratadas lutas brasileiras (capoeira, huka-huka...) (...).

		Objetos de conhecimento	Habilidades
Ensino Fundamental (anos iniciais)	3.º ao 5.º ano	Lutas do contexto comunitário e regional;	(EF35EF13) Experimentar, fruir e recriar diferentes lutas presentes no contexto comunitário e regional e lutas de matriz indígena e africana; (EF35EF14) Planejar e utilizar estratégias básicas das lutas do contexto comunitário e regional e lutas de matriz indígena e africana experimentadas, respeitando o colega como oponente e as normas de segurança; (EF35EF15) Identificar as características das lutas do contexto comunitário e regional e lutas de matriz indígena e africana, reconhecendo as diferenças entre lutas e brigas e entre lutas e as demais práticas corporais.
		Lutas de matriz indígena e africana.	
Ensino Fundamental (anos finais)	6.º e 7.º anos	Lutas do Brasil	(EF67EF14) Experimentar, fruir e recriar diferentes lutas do Brasil, valorizando a própria segurança e integridade física, bem como as dos demais; (EF67EF15) Planejar e utilizar estratégias básicas das lutas do Brasil, respeitando o colega como oponente; (EF67EF16) Identificar as características (códigos, rituais, elementos técnico-táticos, indumentária, materiais, instalações, instituições) das lutas do Brasil; (EF67EF17) Problematizar preconceitos e estereótipos relacionados ao universo das lutas e demais práticas corporais, propondo alternativas para superá-los, com base na solidariedade, na justiça, na equidade e no respeito.
	8.º e 9.º anos	Lutas do mundo	(EF89EF16) Experimentar e fruir a execução dos movimentos pertencentes às lutas do mundo, adotando procedimentos de segurança e respeitando o oponente; (EF89EF17) Planejar e utilizar estratégias básicas das lutas experimentadas, reconhecendo as suas características técnico-táticas; (EF89EF18) Discutir as transformações históricas, o processo de esportivização e a midiaticização de uma ou mais lutas, valorizando e respeitando as culturas de origem.

Fonte: adaptado de BNCC (2017)

Inobstante aos problemas apontados, mais uma vez ressalta-se que, o foco deste trabalho é subsidiar a decisão do professor quando decidir planejar/ministrar sua aula, cuja escolha recai sobre a luta corporal denominada “Huka-Huka” pelos não indígenas. Para isso, pretende-se apresentar de maneira sumária, panorama histórico e cultural correspondente a essa prática. Outrossim, sequencialmente, será complementado com critérios comumente observados na área de Educação Física.

2. PANORAMA HISTÓRICO E CULTURAL DA HUKA-HUKA

A Terra Indígena do Xingu – TIX, localiza-se territorialmente no Estado do Mato Grosso, Brasil Central (Ver Figura 1). Atualmente, encontram-se cerca de dez etnias na

região denominada de Alto Xingu (porção mais ao sul da TIX), caracterizadas por grande compartilhamento de aspectos rituais, mas diferenciadas entre si, dentre outros, pelas línguas. Por exemplo, os Aweti e Kamayurá pertencem ao tronco Tupi; os Kalapalo, Kuikuro, Matipu e Nahukwa à família Karib. Os Yawalapiti, Wauja e Mehinako, são da família Arawak. Os Trumai falam uma língua considerada isolada.

Sem embargo, apesar da diversidade linguística, essas etnias têm em comum a participação em um intrincado sistema cultural. Este, grosso modo, é constituído principalmente pelo compartilhamento ritual, matrimônio interétnico e a interdependência quanto aos objetos fabricados, cuja manufatura varia de acordo com a etnia (Fausto, 2005). Especificamente quanto aos cerimoniais, quiçá, o mais importante seja o ritual mortuário de homenagem aos grandes chefes, denominado *Kwaryp*¹. Exerce fascínio e atração, desde tempos imemoriais, entre os indígenas. A partir do século XX, tornou-se famoso entre os brasileiros (não indígenas), bem como no âmbito internacional. Nele, complexas articulações sociocerimoniais ocorrem, envolvendo ritos baseados em mitos de criação dos primeiros seres humanos. Além disso, são nesses cerimoniais que as hierarquias (relacionadas à linhagem de nobres/chefes) se consolidam e/ou tornam-se mais evidentes.

Embora o luto inicie após o falecimento do morto, ocorrendo sucessão de rituais, a fase cerimonial relevante para este trabalho é a etapa final, isto é, a que demarca o término do luto. Pois, especificamente no último dia, encerrando todo ciclo de rituais, ocorrem as disputas masculinas² interétnicas de lutas corporais (ver Figura 2), denominadas pelos não indígenas de “Huka-Huka”. É comum afirmar-se que esse cognome surgiu em função da onomatopeia dos lutadores no início dos combates, lembrando o som de uma onça urrando. Possui variações de acordo com a filiação linguística. Os Kamayurá dizem *Joetyk* para luta. Para os Wauja, *Kapi*. Os Mehinako dizem *Kapin*. Os Yawalapiti denominam *Kahri*. Em contrapartida, para os povos de família linguística Karib, *Ikindene*. O primeiro registro histórico dessas lutas corporais no Alto Xingu data de 1887. Concebido graças à expedição antropológica germinal de Karl Von Den Steinen (1940, p. 142). Todavia, referenciais arqueológicos e etnoarqueológicos demonstram, quiçá, que essas práticas podem ter origem temporal ainda mais recuada (Paiva, 2021).

¹*Kwaryp* é a denominação Kamayurá e utilizada largamente por pesquisadores, pelos não indígenas e por indígenas de famílias ou troncos linguísticos diferentes, quando conversam entre si, em português. A grafia também assume outras formas na literatura, tais como: Quarup, Kwarup, Kuarup etc. Importante ressaltar a existência de outras denominações, de acordo com a filiação linguística. Os Karib, por exemplo, intitulam-no de *Egitsü* (Guerreiro Júnior, 2015).

²As disputas femininas são muito mais esparsas e circunscritas, geralmente, ao ritual feminino Yamurikumã. Inclusive, nota-se menor “obrigatoriedade” de treinamentos preparatórios, comparando-se aos homens (Mello, 2005).

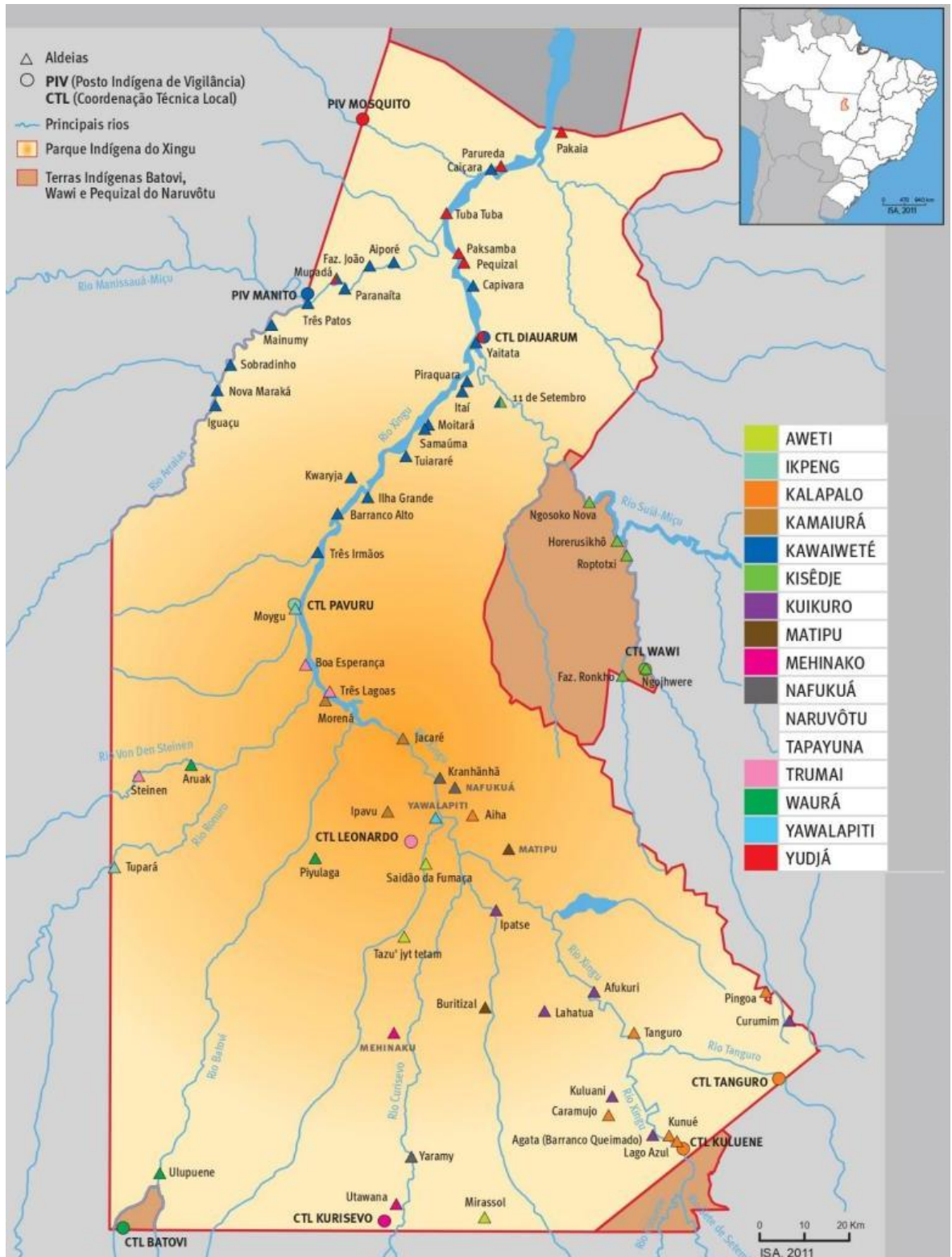


Figura 1: Localização das aldeias na Terra Indígena do Xingu – TIX. A legenda de cores corresponde às respectivas etnias. Fonte: Adaptado de Instituto Socioambiental/ISA, 2011.

Vale salientar, os alto-xinguanos brincam de lutar desde a infância, sendo efetivamente preparados na puberdade. Na pós-puberdade, boa parte assume identidade como lutador e, idealmente, recebe um segundo nome herdado do avô, dentre outros, escolhido por ter sido um grande combatente. No âmbito desses combates, ao final do *Kwaryp*, o que está em jogo quando um lutador se torna conhecido como “campeão”, é a

afirmação do *status* social elevado que pode-se obter no sistema cultural alto-xinguano. Nesse sentido, sabe-se que, embora nem todo lutador se torne um grande chefe, praticamente todo (distinto) chefe é reconhecido, dentre outras qualidades, por ter sido exímio lutador (COSTA, 2013).



Figura 2: “Luta esportiva entre as tribos do Xingu”.
Fonte: Heinz Foerthmann, 1944 (Fundo SPI 03821).

3. ASPECTOS BIODINÂMICOS E ALGUMAS REGRAS DA HUKA-HUKA

Para uma descrição sumária, em referência aos aspectos biodinâmicos que operam nos combates e as principais regras, pode-se, didaticamente, organizá-los em três fases:³

1.^a) No momento inicial, os lutadores deslocam-se lateralmente, em círculos, e emitem os sons considerados onomatopéicos do urro da onça (“Huka-Huka”). Basicamente, exige-se pouco esforço muscular dos membros inferiores;

2.^a) A partir de agora, ambos (mas, às vezes, apenas um deles) ficam de joelhos apoiados no solo, procurando estabelecer seu domínio no corpo do adversário por meio de força de prensão manual (“pegada”). Não são válidas técnicas utilizando membros inferiores (perna, pé etc.) para desequilibrar e projetar o antagonista ao solo.⁴ Ações de elevada potência (força máxima aplicada no menor tempo possível), dentre outras, nas tentativas de projetar o oponente, alternam-se com outras valências de força. São exemplos: 1.^o) Força Isométrica (aplicação de força, sem movimento/dinamismo muscular); 2.^o) Força Máxima (maior força que o atleta pode executar durante uma contração máxima) e 3.^o) Força Dinâmica (duas a três contrações submáximas: 80-90% de 1RM). Menos de 20% dos combates ultrapassam 1 minuto. De fato, a grande maioria das lutas duram, no máximo, 45 segundos. Cientes disso, os indígenas investem com máximo de velocidade e força, não sendo comum, por exemplo, em seu repertório tático, estratégias que priorizem lutar em situação de fadiga, dado que podem demonstrar a não intenção de prosseguir no combate, restando decretarem “empate”. Vale ressaltar, a situação de luta é bastante complexa e não pode ser definida somente por uma dessas variáveis isoladas (Paiva, 2009);

3.^a) Por fim, duas situações podem ocorrer. A mais comum, conforme salientado anteriormente, quando um ou os dois lutadores demonstram claramente a redução na intensidade dos movimentos, forçando um “empate”. Esses momentos mais amenos, em

³ Embora, em alguns combates, essas fases possam ter recorrência ou mesmo justaposição.

⁴ Para efeito comparativo, no Judô são denominadas de *Ashi-Waza* (técnicas de perna).

que a prioridade torna-se a manutenção da posição de baixa intensidade e/ou deslocamentos no local de luta (*Joetykap*), podem ser apreendidos como de Resistência Muscular. A situação menos contumaz, atrelada, necessariamente, à fase anterior, é a ocorrência de vitória que, por si, redundando na interrupção (finalização) do combate. De acordo com as regras, pode-se obter êxito de cinco formas (Paiva, 2021): 1) projeção do adversário, de costas ao solo; 2) projeção, de frente ao solo; 3) tocar com a(s) mão(s) na parte posterior da(s) coxa(s) do oponente, na altura dos joelhos e permanecer ao menos 3 segundos; 4) alcançar as costas do opositor e dominá-lo com braços envoltos à seu corpo (“abraço”); 5) suspender o adversário do solo, demonstrando espaçamento entre os pés e o solo onde ocorre a luta.

4. CLASSIFICAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DA HUKA-HUKA

Para uma classificação e caracterização dessa luta, tendo em conta critérios adotados em outro trabalho (Paiva, 2015), pode-se inferir ao menos sete preceitos:

- 1) Ação motora: domínio (ou “agarre”) – predominante; percussão (isoladamente, apenas uma técnica);
- 2) Temporalidade: variância (em alguns combates, contínua e em outros, intermitente);
- 3) Indumentária: divisão extra/intra combates (uso social, danças/na luta em si);
- 4) Espacialidade: curta distância (com situações isoladas de meia distância);
- 5) Princípio operacional: relação com o alvo (segurar, mas com uma possível situação isolada de tocar/percutir) /meta (direta);
- 6) Artíficos anatômicos: membros superiores (mão aberta utilizada para agarrar, controlar, projetar e, ocasionalmente, percutir); membros inferiores (deslocamentos); cabeça (“topo da cabeça” e queixo utilizados em pontos de pressão para incômodo);
- 7) Previsibilidade: entre 70-80% dos combates terminam empatados.

5. CONCLUSÃO

Cientes de que as culturas são dinâmicas, mas atentando-se aos dados analisados nas décadas de 2010-2020, procurou-se neste trabalho elencar informações basilares, porém essenciais, para que a escolha da Huka-Huka pelo professor de Educação Física seja respaldada. Ademais, embora não tenha sido o escopo deste artigo, aportou-se algumas críticas às orientações propostas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para Educação Física no Ensino Fundamental e, mais especificamente, quanto à unidade temática “Lutas”. Adicionalmente, sugere-se novas pesquisas e consultas aprofundadas à literatura antropológica sobre o Alto Xingu, produzida desde o século XIX, para complementar as informações aqui apresentadas.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/#/site/base/o-que>. Acesso em: 01 de ago. de 2021.

- COSTA, C. *Ikindene Hekugu: uma etnografia da luta e dos lutadores no Alto Xingu*. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de São Carlos, 2013.
- FAUSTO, C. (2005) **Entre o passado e o presente: mil anos de história indígena no Alto Xingu**. *Revista de Estudos e Pesquisas*, v. 2, n. 2, p. 09-52.
- GUERREIRO JÚNIOR, A. *Ancestrais e suas sombras: uma etnografia da chefia Kalapalo e seu ritual mortuário*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2015.
- MELLO, M. *Iamurikumã. Música, mito e ritual entre os Wauja do Alto Xingu*. Florianópolis, Universidade federal de Santa Catarina. 2005. Tese de Doutorado.
- NEIRA, M. **Incoerências e inconsistências da BNCC de Educação Física**. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 40, p. 215-223, 2018.
- PAIVA, L. **Joetyk: uma antropologia da luta corporal alto-xinguana**. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, UFAM, 2021.
- PAIVA, L.; VARGAS, F.; SOUZA, P. *O drama da patrimonialização do Kwarìp alto-xinguano*. p. 89-112. In: *Fazendo Antropologia no Alto Solimões* 28, Batista de Souza, A.; Figueiredo, G.; Justamand, M.; Cruz, T. Alexa Cultural: São Paulo, EDUA: Manaus, 2020.
- PAIVA, L. *Olhar Clínico nas Lutas, Artes Marciais e Modalidades de Combate*. Manaus: OMP Editora, 2015.
- PAIVA, L. **Pronto pra guerra: preparação física específica para luta e superação**. Manaus: OMP Editora, 2009.
- PAIVA, L. et al. **Transformando imaterial em tangível: o caso da exposição “Lutas: Patrimônio Cultural da Humanidade”**. *Revista Memória em Rede*, v. 12, n. 23, p. 368-391, 2020.
- VON DEN STEINEN, K. *Entre os aborígenes do Brasil Central*. Departamento de cultura, 1940.